

ISAAC COSTA DE SOUZA

DE TODAS AS TRIBOS

A missão da igreja e a questão indígena

2ª Edição



Editora Ultimato
Viçosa, MG

Sumário

<i>Prefácio</i>	11
<i>Apresentação</i>	15
1. Povos minoritários	19
2. Nem bichos nem deuses	25
3. Por um “Pamdangmó” mais humano	29
4. Deus não se envergonha deles	35
5. As Três Ondas: uma historiografia missionária indígena	43
6. Religião não se discute: um engodo missiológico	49
7. Política e politicagem: uma contribuição científica	55
8. Eclesiofobia	65
9. Preservação cultural ou antievangelicalismo?	69
10. Entre o discurso e a práxis	75
11. Sombras no final do túnel	87
12. Questão indígena: poder, estrelismo e dinheiro	95
13. Diretriz Brasil Nº 4 - Ano 0	101
14. A dança das leis	107
15. Brincando nos campos do Senhor	113
16. Sorôco, sua mãe, sua filha	117
<i>Bibliografia</i>	121

Prefácio

Assim como para a história da salvação, há também uma linha reveladora da parte de Deus, desde o início, em Gênesis, que demonstra ser o plano missionário concebido ainda nos primórdios da criação e não algo de supetão, imprevisto e de última hora, como se Deus tivesse sido pego de surpresa.

Em geral, os compêndios sobre a obra missionária consideram a chamada de Abraão como a primeira referência bíblica em relação a "missões". Embora reconheça ser esta a primeira manifestação explícita sobre o assunto, creio que a história da criação pode também fornecer elementos para sua melhor compreensão. Isso pode ser visto na palavra em hebraico que Moisés usou para designar o Deus criador, no tipo de comunhão íntima que esse Deus mantinha com a sua criação e, finalmente, na iniciativa redentora desse Criador concernente à decisão da criatura em quebrar a harmonia dessa comunhão.

A base bíblica de missões tem seu início no princípio de tudo. Cremos que foi Moisés o autor do livro de Gênesis, escrito durante a peregrinação do povo hebreu no deserto, rumo à terra prometida. Sabemos que, nesse período, desde o

evento da sarça ardente, Deus vinha se apresentando ao povo e, especialmente, a Moisés, como *yahweh*, o Deus da Aliança abraâmica.

Sendo Deus, naquela época, chamado *yahweh*, por que então Moisés, ao escrever a história da criação, não se utilizou deste nome para indicar o Deus criador? Por que ele escreveu: "no princípio criou *Elohim* o céu e a terra" (Gn 1.1)? Alguns diriam que foi porque o termo *Elohim* indica força. Mas seria mesmo esta a razão, uma vez que o próprio Moisés, em outras ocasiões, referiu-se a *yahweh* como Deus criador? Johanes Blaw, em seu livro *A Natureza Missionária da Igreja*, diz que até a ordem do material bíblico faz parte do seu *kerigma* (proclamação). Portanto, creio que o Espírito Santo inspirou Moisés a usar o termo *Elohim* com um propósito especial. Imagine o leitor se um morador da Mesopotâmia ou até mesmo do Egito tivesse acesso ao manuscrito e, ao ler a história da criação, encontrasse: "No princípio criou *yahweh* o céu e a terra". O que passaria em sua mente? Certamente pensaria que se tratava de uma narrativa particular, relatando detalhes de como um "deus tribal", o deus dos hebreus, havia criado o céu e a terra. Isso porque essa palavra hebraica estava estreitamente relacionada ao Deus de Israel. Quando, porém, Moisés utilizou um termo geral (inclusive com equivalentes em línguas irmãs e geograficamente vizinhas, como "baal", "allá" etc.), ele queria deixar claro que o Deus criador era o *Deus de Todos os Povos* e não a divindade particular de um determinado grupo. Isso é extremamente importante para missões, porque os missionários têm sido constantemente acusados de estarem levando um Deus estrangeiro aos outros povos, quando não é verdade, pois o Criador é um *Deus Universal*. Esta é a primeira verdade missiológica que encontramos nas Escrituras. Nesse sentido, *Elohim* é o Deus de todas as nações. Portanto, ele não é estranho a nenhuma etnia na face da terra. Pesquisas têm comprovado que até mesmo povos considerados os mais "primitivos" e sem nenhum detalhe da revelação especial do Senhor têm, em suas tradições, referências à existência desse Deus Universal.

Portanto, o primeiro aspecto missiológico que encontramos nas Escrituras é que o Criador é um Deus Universal.

Podemos perceber ainda que a narrativa da criação apresenta um outro aspecto missiológico interessante: o do *Deus pessoal*. Em Gênesis 3.8, vemos que, antes de os nossos primeiros pais pecarem e desobedecerem ao Senhor, todos os dias, à tarde, ele se encontrava com o homem. O Deus de missões é presente e intervém na história; ele não abandonou sua criação após tê-la gerado.

O missionário, quando vai ao campo, não está só e abandonado, mas Deus está com ele. O Criador não deixou sua criação à própria sorte, como pensavam erroneamente os deístas. É importante lembrar que o ponto máximo da teofania (revelação ou manifestação divina) se dá na vinda do *Emanuel* (Deus conosco), o Salvador de todos os povos e tribos: Jesus.

Há, finalmente, um terceiro ponto da base missiológica na criação, considerado como o proto-evangelho, que encontramos em Gênesis 3.15: "Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar." Nessa passagem, está o conteúdo básico para o entendimento do *Deus Redentor*. O Deus de missões é misericordioso e deseja que todos sejam salvos. Partiu dele a iniciativa de sair à procura do homem "fujão", perguntando-lhe: "onde estás?" (Gn 3.9). Ele mesmo providenciou, desde a fundação dos séculos, a redenção do seu povo e enviou seu filho ao mundo "para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (Jo 3.16).

O presente livro denuncia as forças que tentam impedir a iniciativa do próprio Deus em continuar se revelando a todos os povos e especificamente aos grupos indígenas de nosso país. Desconfiamos, entretanto, que a metodologia desenvolvida nele se aplica a todas as outras situações semelhantes ao redor do planeta.

Norval Oliveira da Silva

Apresentação

Alguns fatores levaram-me a escrever as páginas a seguir. O primeiro foi a profusão de (des)informações a respeito da atividade missionária em área indígena, tanto nos meios de comunicação de massa como nos especializados.

O segundo foi o questionamento de um colega de classe, em 1981, sobre a presença de missionários em área indígena.

O terceiro foi tentar evitar que somente a versão estigmatizada do trabalho missionário evangélico entre os indígenas fosse deixada à posteridade.

O quarto foi minha paixão pelo indigenismo, que nasceu com as primeiras leituras sobre o assunto, nos livros *Índio - Um Mito Brasileiro*¹ e *Nossos Índios Nossos Mortos*,² em 1982.

A impressão que o leitor terá é que fui tendencioso por, em geral, fazer uma apologia das missões. Eu diria o seguinte: Em primeiro lugar, ninguém escreve a partir de uma posição neutra;

a Análise do Discurso ensina isso. Assim, sigo o princípio de Ladeira, que afirma que "É a natureza de nossas indagações que determina o tratamento de qualquer questão."³ Depois, as acusações contra esses grupos, verdadeiras ou falsas, são tão abundantes que preferi, no pequeno espaço concedido, revelar que eles, em boa parte, são vítimas de discriminações, inconscientes ou arquitetadas; e que outras entidades, religiosas ou não, cometem equívocos iguais ou piores, mas são avaliadas através de parâmetros diferenciados, que as isentam de qualquer restrição legal ou ideológica. Contudo, não se trata aqui de divulgar-se o útil e ocultar-se o desagradável. Algumas metodologias missionárias, de fato, são carentes de contextualização, mas o fervor opositivo é tão intenso que prefere não fazer distinção entre as entidades, arrolando-as sob o mesmo rótulo.

Os textos aqui apresentados de maneira alguma visam defender erros, da mesma forma que não objetivam criticar os que questionam seriamente a atuação de religiosos (seja qual for a sua origem) em área indígena. Busca-se tão somente descodificar o processo de *validação consensual*⁴ de que as missões são nefastas e outros órgãos não. Esse conceito é uma demonstração, às vezes camuflada, às vezes óbvia, de eclesiofobia⁵ em relação ao avanço da igreja entre os grupos minoritários.

Procuro colocar esse embate em um contexto onde a igreja perceba sua vocação missionária e entenda que sua atuação entre os povos minoritários não é mero capricho; antes, porém, uma responsabilidade bíblica premente, sendo sua indiferença um desvio missiológico e um enorme prejuízo para a propagação integral do Evangelho.

Na articulação entre a problemática indígena em si e o papel evangelizador da igreja, foi de fundamental importância o artigo assinado pelo pastor e missionário Norval Oliveira da Silva, a quem agradeço a participação nesse esforço de elucidar um pouco a questão que envolve os povos minoritários e os evangélicos.

Os artigos deste livro são independentes, o que possibilita sua leitura em qualquer ordem. Contudo, foram compilados por assunto: *Povos minoritários - quando tamanho não é documento*, são justificativas missiológicas para o trabalho missionário entre todos os povos, incluindo as pequenas nações; *Nem bichos nem deuses* é uma tentativa de evidenciar a humanidade indígena, comumente negada de duas maneiras: na sua categorização como animal e na sua elevação a uma figura divinizada; *Por um "Pamdangmó" mais humano* é uma demonstração da visão que os indígenas podem ter a respeito da divindade dos não-indígenas e a indicação de um caminho a ser percorrido por ambos os grupos em busca de soluções para as suas diferenças; *Deus não se envergonha deles* é um testemunho da profundidade da conversão indígena, levada às últimas consequências, quando necessário; *As Três Ondas: uma historiografia missionária indígena* é uma exposição concisa do esforço evangélico entre os povos minoritários do Brasil; *Religião não se discute: um engodo missiológico*, *Política e politicagem: uma contribuição científica*, *Eclesiofobia*, *Preservação cultural ou antievangelicalismo?*, *Entre o discurso e a práxis*, *Sombras no final do túnel*, *Questão indígena: poder, estrelismo e dinheiro*, *Diretriz Brasil Nº 4 - Ano 0* e *Brincando nos campos do Senhor* denunciam a discriminação contra os evangélicos que desenvolvem atividades em área indígena; *A dança das leis* mostra a manipulação das leis a favor de alguns segmentos em detrimento de outros, incluindo as missões evangélicas; *Sorôco, sua mãe, sua filha* revela que as missões foram condenadas mesmo antes de terem seus trabalhos analisados seriamente.

Que Deus use estas páginas para sua glória e para um novo relacionamento entre a sua igreja e os povos indígenas.

Isaac Costa de Souza

Notas

¹ Beltrão. 1977.

² Martins. 1979.

³ *Sobre a Língua da Alfabetização Indígena*. In: A Questão da Educação Indígena. 1981:171.

⁴ Processo onde o consenso tem o poder de agregar consistência, plausibilidade e verdade a uma idéia. Amorese, 1993:144.

⁵ Medo de igreja.

1.

Povos minoritários

Quando tamanho
não é documento

Dentre os muitos povos mencionados no Velho Testamento, está a primeira grande potência mundial: o Egito, citado em Gn 12.10, logo depois do registro do chamado de Deus a Abrão. Fosse pela densidade demográfica, pelo poderio bélico, pelo desenvolvimento tecnológico, pelos atos de bravura, pela organização sociopolítica ou por qualquer outra realização heróica, o Egito certamente seria o grupo selecionado pelo Altíssimo para representá-lo no mundo de então. Todavia, a grandiosidade não foi o critério utilizado para essa escolha. De maneira surpreendente, Deus diz aos israelitas:

Porque tu és povo santo ao Senhor teu Deus: o Senhor teu Deus te escolheu, para que lhe fosses o seu povo próprio, de todos os povos que há sobre a terra. Não vos teve o Senhor afeição, nem vos escolheu, porque fôsseis mais numerosos do que qualquer povo, pois éreis o menor de todos os povos, mas porque o Senhor vos amava... (Dt 7.6-8a.)

Israel: um povo minoritário

O amor é o critério divino. O ágape levou Deus a escolher um povo minoritário para transmitir sua bênção à humanidade. Aliás, essa seleção foi feita quando o povo ainda era apenas um projeto etno-social nas regiões celestes, isto é, existia potencialmente apenas na pessoa de Abrão; ele não possuía ainda descendentes quando o Senhor lhe assegurou: "de ti farei uma grande nação ... em ti serão benditas todas as famílias da terra." (Gn 12.1-3.) A própria mudança do nome Abrão para Abraão revela o objetivo divino na construção de um novo complexo social: "Abrão já não será o teu nome, e, sim, Abraão; porque por pai de numerosas nações te constituí." (Gn 17.5.)¹ Assim, a vontade de Deus foi sempre estruturar cada traço ou elemento cultural² à descendência abraâmica. Mais tarde, entretanto, o povo não aceitou completamente essa idéia; um exemplo disso foi o pedido de mudança de governo teocrático para monarquia, por parte da comunidade israelita (1 Sm 8,7). Israel era tão minoritário que foi escolhido ainda em início de gestação. Deus, em toda a sua onipotência, não apenas selecionou o pequeno, mas preferiu o menor para comissioná-lo como embaixador, movido por seu critério imutável: o amor. É como se fosse um alarme divino à igreja, para que ela não relegue a um segundo plano os povos minoritários.

A chamada grande comissão, no Novo Testamento, é congruente com o Antigo Testamento. A ordem é discipular todas as nações (*éthne*, na língua grega; cf. Mt 28.19) e não apenas as mega-etnias, com seus milhões de indivíduos.

Nos dias atuais, uma boa parcela da igreja ignora a situação desfavorável dos pequenos grupos étnicos do Brasil e do mundo. Uma carta aberta de alguns indígenas diz o seguinte:

Nossa preocupação visa também alertar a Igreja de Cristo. Nas questões indígenas, quase nada temos ouvido falar sobre a manifestação evangélica de solidariedade, de orientação e de apoio. Ela tem vindo mais da Igreja Católica, do Conselho Indigenista Missionário, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil...³

Essa indiferença se deve a vários fatores, entre os quais o longo tempo para formar-se uma igreja no meio desses povos; em geral, o missionário precisa aprender a falar e analisar uma língua ágrafa, bem como elaborar uma ortografia, um dicionário, o material didático necessário e a tradução da Bíblia (que serve como fundamento à igreja emergente). Contudo, um outro fator determinante é o contingente populacional reduzido desses grupos sociais, comparado ao de outras nações do globo terrestre. Dessa perspectiva, parece que dificilmente a igreja evangélica concordaria com Deus em sua escolha por Israel, demograficamente tão minúsculo. Não é o que acontece hoje em relação às pequenas etnias?

As próprias missões aos indígenas refletem essa visão de indiferença para com as micro-etnias. O alcance da maioria absoluta dos povos no Brasil tem seguido o critério estatístico, havendo uma concentração maior do esforço missionário nos grandes grupos (com mais de 1.000 pessoas). Em segundo lugar, o interesse volta-se para os grupos médios (entre 300 e 1.000); em terceiro, para os pequenos (entre 100 e 300); e, finalmente, para os reduzidos (menos de 100). Além disso, quando há missionários, mesmo que poucos, nesses últimos grupos, a indagação mais insistente e desafiadora é: "Vale a pena?"

Contra toda essa lógica numérica, o Deus Trino escolhe Israel (quando ainda projeto de povo) para ser uma bênção a todas as famílias da terra. Portanto, vale a pena.

Critérios de redenção

Os critérios divinos de redenção podem ser vistos sob duas perspectivas: a estatística e a representativa.

1. Critério Estatístico

A obra redentora de Cristo está extraordinariamente resumida em Romanos 4.25: "... o qual (Jesus) foi entregue por causa das nossas transgressões, e ressuscitou por causa da

nossa justificação". Ao considerar tão grande salvação, o logicismo unívoco aparente de boa parte da metodologia missionária é "quanto mais melhor". Os relatórios eclesiásticos são avaliados sob o prisma da quantidade. A escola bíblica dominical gira sempre em torno de números. À assembléia congregacional local importa a estatística. Hoje a igreja brasileira tem sido um referencial ao mundo cristão, como um modelo de explosão quantitativa. A biblicidade de tal abordagem é bereana (At 17.11), ou seja, pode ser atestada nas Escrituras. Alguns textos demonstram de forma irrefutável o critério estatístico como bíblico: "... o qual (Deus nosso Salvador) deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade" (1 Tm 2.4.) "... ele (Senhor) é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento." (2 Pe 3.9b.) O próprio Jesus assevera: "Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura." (Mc 16.15.)

De fato, essa avidez matemática é bíblica, divina e, portanto, eclesiástica e missiologicamente correta.

O equívoco está na redução da preocupação total de Deus a esse aspecto numérico. Ao lado do critério estatístico, há o representativo. Os estudiosos da Numismática ou Numária (estudo das moedas) sabem que uma moeda deve ter dois lados. Sua validade está nesse detalhe. Ninguém gostaria de receber uma moeda com apenas "cara" ou "coroa". Mas, de certa maneira, não é o que acontece na redução dos dois princípios divinos (estatístico e representativo) a um só?

2. Critério Representativo

O critério representativo de evangelização é tão bíblico quanto o estatístico. É o outro lado da moeda do plano divino de redenção. Uma abordagem sistemática logo demonstra isso. No livro de Apocalipse fica claro que, além de indivíduos, os agrupamentos humanos, como tais, também são alvos de Deus: "... com o teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação." (Ap 5.9b.)

Em outras palavras, todas as etnias (grandes ou pequenas, médias ou reduzidas) deverão estar representadas diante do trono do Cordeiro. O imperativo gramatical e pragmático da grande comissão (Mt 28.19) não está no deslocamento (verbo *ir*), mas no *discipular todas as etnias*.

A chamada de Abraão sintetiza esses dois critérios divinos: por um lado, ele é um indivíduo; por outro, como visto anteriormente, possui os genes biológicos e etno-sociais do, então, emergente povo hebreu. Um ser pessoal é requisitado para a formação do social (Gn 2.2).

A posse da percepção numérica não está errada. Ela é bíblica. O erro está na apropriação apenas do critério estatístico. Um incidente ocorrido duas vezes com o próprio Abraão (Gn 12.10-20 e 20.1-18) ilustra muito bem esse fato. Ele afirmou insistentemente ser irmão de Sara, o que era verdade, mas não revelou que era seu esposo, outro fato tão relevante quanto o primeiro. Finalmente, ele declarou: "Por outro lado, ela, de fato, é também minha irmã, filha de meu pai, e não de minha mãe; e veio a ser minha mulher." (Gn 20.12.)

O problema não foi declarar que Sara era sua irmã, mas ter ocultado que ela era sua mulher. Esse reducionismo da realidade quase trouxe desgraças a inocentes da casa de Faraó e de Abimeleque, respectivamente. A igreja deve responder à preocupação estatística sem esconder a representativa. Será que de alguma forma não prejudicamos a propagação das boas novas ao reduzirmos a um os dois critérios divinos?

Estratégia geográfica

Há pouco foi explicitado que a ordem expressa na grande comissão (Mt 28.19) não privilegia o verbo *ir*, mas o *discipular todas as etnias*. De maneira nenhuma isso elimina a iniciativa do deslocamento geográfico. Jesus certa vez asseverou que "o campo é o mundo" (Mt 13.38). Enquanto Jerusalém era o centro da expansão do cristianismo, a movimentação espacial era insofismável, como pode ser visto na orientação do próprio

Jesus: "... que em seu nome se pregasse arrependimento para remissão de pecados, a todas as nações, começando de Jerusalém." (Lc 24.47.)

Esse deslocamento geográfico, no livro de Atos, é instigado a ser até mesmo simultâneo, em termos de objetivo. Ou seja, o mais urgente não é necessariamente o mais próximo. Daí as conjunções "tanto..., como..., e...": "...mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas *tanto* em Jerusalém, *como* em toda Judéia e Samaria, e até aos confins da terra" (At 1.8).

A separação entre a estratégia geográfica e os critérios estatístico e representativo foi feita apenas por causa da relação intrínseca entre os dois últimos. Ou seja, a percepção do ser humano, a partir de sua natureza individual e étnica, requeria, por si só, um tratamento específico. A morte e a ressurreição do Senhor Jesus atingem a humanidade nessas duas dimensões. Portanto, é através delas que a igreja deve rever sua vocação.

Notas

¹ Apenas o termo Abraão será usado daqui adiante.

² Menor unidade significativa em uma cultura. Andrade & Presotto. *Antropologia - Uma Introdução*. 1986:53.

³ CARTA INDÍGENA AOS IRMÃOS EVANGÉLICOS. Brasília, janeiro de 1990. Distribuída durante a "Geração 90", em Brasília.